

# O Sentido de uma Reparação Histórica

Cap Méd

ALBERTO MARTINS DA SILVA

Instrutor do Curso de Saúde — EsAO

Há precisamente 100 anos — abril de 1875 — era reformado o Capitão 1.º Cirurgião Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, pelo Decreto de 10 de abril de 1875, conforme publicação na Ordem do Dia da Repartição do Ajudante-General, n.º 1.124, de 29 de abril de 1875.

No ano anterior, em 16 de junho de 1874, fora submetido à Junta Militar de Saúde, na Enfermaria de Sant'Ana do Livramento e julgado "incapaz do Serviço do Exército", por ser portador de "hepatite crônica incurável". Em Decreto de 21 de outubro de 1874, era transferido para a 2ª Classe do Exército como agregado ao Corpo de Saúde, conforme publicação na Ordem do Dia da Repartição do Ajudante-General, sob o n.º 1.805, de 10 de novembro de 1874.

Estas notas frias e indiferentes escritas nos assentamentos cheios de elogios e atos de bravura, de intrepidez e de serenidade, não

podem traduzir ao leitor menos avisado e muitas vezes distante de notáveis quadros de nossa história Pátria, a figura magnânima, humana e notável do Capitão 1.º Cirurgião Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, herói nacional e, mais orgulhosamente, do Serviço de Saúde do Exército, componente dos famosos e lendários brasileiros da célebre Retirada da Laguna.

Nasceu o Dr. Quintana na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1829, tendo sido batizado na Igreja do Sacramento — provavelmente situada na Avenida Passos, esquina da Rua Buenos Aires, em 11 de dezembro do mesmo ano. Filho legítimo de Domingos Manoel de Oliveira Quintana e de D. Cândida Angélica da Nóbrega Quintana, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1855, após defender a tese sob o título: "Inflamações

em geral e todas as suas terminações”.

Assentou praça em 29 de agosto de 1857, como Alferes 2.º Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2.º Cirurgião, em 23 de setembro de 1857, nos termos do Regulamento do Corpo de Saúde do Exército, de 7 de março de 1857, assinado pelo Marquês de Caxias.

Serviu em Goiás, Mato Grosso e no Rio de Janeiro antes de incorporar-se, como responsável pelo Serviço de Saúde do contingente de Goiás, às Forças que partira em defesa de Mato Grosso, quando de sua invasão e participando, como Chefe do Serviço de Saúde, da Retirada da Laguna em toda a sua grandeza humana.

O Visconde de Taunay, participante da épica expedição, em seu famoso livro “A Retirada da Laguna”, descreve com toda a expressividade os momentos vividos naquela ocasião; dias de tribulações e de heroísmos, onde bravos e abnegados, submetidos às intempéries da natureza e às inúmeras doenças que grassavam, dia a dia, contavam unicamente com a dedicação dos médicos já carentes de recursos e de apoio.

Eis o depoimento do Major José Tomás Gonçalves, como interino no Comando da Coluna, em parte dirigida ao Presidente da Província de Mato Grosso, em officio de 16 de junho de 1867:

“Os dois médicos juntos a esta coluna, portaram-se com a caridade e dedicação que a ciência recomenda, e que as leis militares exigem”.

E continua:

“Os dignos e inteligentes 1.º Cirurgiões Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira curavam aos feridos nos campos de ação, desenvolvendo, por ocasião do aparecimento da cólera, atividade incansável, sempre solícitos pelo estado do soldado enfermo, apesar de lutarem com a falta absoluta de medicamentos”.

Na Ordem do Dia n.º 3, de 12-6-1867, no acampamento junto à margem esquerda do Rio Aquidauana, o mesmo Major José Tomás Gonçalves, assim se referia aos médicos da expedição:

“Os 1.º Cirurgiões Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, muito se distinguiram nessas jornadas de glória no curativo dos feridos, não se enfraquecendo a sua caridade e dedicação nos funéreos dias de cólera-morbo. Honra a esses nobres facultativos”!

Para que se possa ter uma idéia mais real da situação enfrentada pelos médicos da expedição, convém transcrever trechos da parte official, datada de 15 de junho de 1867, dirigida ao Major José Tomás Gonçalves, comandante interino da Força, pelo Dr. Quintana.

Escreve o Dr. Quintana:

“A falta de viveres, de barracas e de roupa suficiente na

estação do inverno, muito deveria concorrer para aumentar o número de atacados, os quais, entrando nas enfermarias, também, ai não acharam abrigo contra as intempéries. Os medicamentos no fim de poucos dias estavam acabados”.

E continua:

“As marchas muitas vezes durante o dia inteiro, algumas vezes de noite, a péssima condução de carros puxados a bois, em que os doentes comprimiam-se mutuamente, pela exiguidade de espaço, deveriam ter grande parte do acréscimo da mortalidade, que era de quase todos os atacados”.

Mais adiante:

“Afimall todos os carros foram queimados por necessidade; os doentes eram conduzidos em padiolas por soldados enfraquecidos pela fome, estropiados, que se recusavam a carregá-los, e que os deixavam atirados no caminho, sempre que o podiam fazer. Os são já mal eram suficientes para conduzir os doentes, sendo preciso caminhar com presteza, pois já nenhum alimento tínhamos, além das poucas reses que puxavam a artilharia”.

A sabre humana atividade do Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana neste período angustiante de nossa história Pátria o recomenda à nossa mais elevada

admiração e ao mais acendrado respeito cívico. Extremoso no atendimento, solicito aos reclusos da dor e tenaz na luta contra o ambiente insólito, soube o Dr. Quintana elevar-se às alturas dos grandes heróis de nossa nacionalidade.

Na oportunidade que rememoramos a figura digna de Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana, retratando-o na sua verdadeira dimensão de médico abnegado e de exemplar militar, ressalta em nossa intenção a reparação histórica que carece corrigir e atualizar.

Fizemos, tempos atrás, nossas homenagens àqueles que bravamente lutaram nos campos de batalha em defesa da Pátria ofendida, em significativa festa cívica, no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Praia Vermelha.

Momento patriótico de intenso valor moral e histórico.

Entre os sagrados despojos que ali repousam, fere a nossa sensibilidade a falta dos restos mortais do Dr. Quintana, participante da mesma epopéia, herói da mesma jornada. Cabe a nós, massa cívica brasileira, herdeira dos feitos gloriosos dos que nos defenderam, lutar para que esta homenagem lhe seja prestada; homenagem tão altiva quanto suas atitudes, tão sincera quanto sua dedicação, tão digna quanto a causa que defendeu.

As altas autoridades do País que, sabedores das necessidades

da perpetuação dos nossos antepassados na formação do povo e na glorificação de nossa História, compreenderão e saberão apoiar mais esta página de sacração pública de nossos heróis.

O Serviço de Saúde do Exército que, em tantas outras horas, procurou elevar seus elementos mais extremos e exemplares, saberá, por certo, ombrear-se ao esforço coletivo para este acontecimento histórico que tão de perto lhe fala e lhe glorifica.

A Liga de Defesa Nacional sempre atenta às emoções cívicas do povo brasileiro cerrará fileira em auxílio a este desiderato.

Finalmente, ao Dr. Luiz de Castro Souza, dedicado médico e pesquisador da história da Medicina Militar Brasileira, pertencente à Academia Brasileira de Medicina Militar e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, incansável historiador de nossas raízes e idealizador deste movimento e que, recentemente, em suas pesquisas, descobriu os restos mortais do Dr. Quintana, no cemitério de Alegrete, Rio Grande do Sul, cabe a maior parcela de responsabilidade nos contatos que fará em prol do empreendimento.

É certo que Pátria nenhuma projetará no futuro de seus filhos um arraigado amor à sua terra se não contar com os feitos gloriosos daqueles que souberam

defendê-la com tanto estremeamento.

É nossa a hora de hoje; sejamos atentos aos que se foram sacrificados para a nossa sobrevivência, para podermos merecer o aplauso dos que virão cientes e orgulhosos de suas origens.

Convém lembrar as palavras de alto significado escritas por Fernando Magalhães:

“Ninguém vive sem o favor dos mortos, participantes invisíveis dos grandes momentos. Mortos, não há: os que se foram animam a essência dos que hão de vir, como centelha da eternidade que é a chama da vida. Na história dos povos, essa chama é a vibração patriótica pelo passado que comove, que garante e que enobrece”.

#### OBRAS CONSULTADAS

- A Medicina na Guerra do Paraguai — Dr. Luiz de Castro Souza — 1972
- Gesteira e Quintana — Dr. Luiz de Castro Souza — Separata de Revista Brasileira de Medicina — Vol. 27, junho de 1970, n.º 6, Rio de Janeiro
- A Retirada da Laguna — A. D'Escrag-noli — Taunay
- Cartilha da Proibidade — Fernando Magalhães
- O Rio de Janeiro Imperial — Adolfo Morales de los Rios Filho
- Aparência do Rio de Janeiro — Gastão Cruls
- Ordem-do-Dia n.º 27 — Quartel General do Exército na Corte (9 Set 1957)